

versidade de Pennsylvania e no Midwest Research Institute, em Kansas City. O segundo a cristalização de sua atividade de docente.

Seu último esforço e sacrifício pelo Nordeste foi quando mobilizou a luta em favor da manutenção dos incentivos dos arts. 34/18, através do Instituto de Ciências Políticas e Pesquisas Sociais, culminando num seminário na Faculdade de Ciências Econômicas com a presença de quase todos os governadores da região. Já estava marcada a data do seu embarque para Caracas onde cumpriria missão do BID e onde marcou encontro com a morte.

Pedi-nos encarecidamente que antecipássemos o seminário e em mobilização para a defesa dos arts. 34/18; queria estar presente e também falar e debater. Debateu e falou até às vésperas de uma viagem sem retorno.

Na ante surpresa da morte, preparou para o recente livro do Prof. Manoel Correia sobre polos de desenvolvimento, excelente prefácio onde retoma o problema dos polos em visão ampla. Foi, ao que parece, seu último trabalho e quis o destino que esse prefácio se transformasse numa despedida ao seu estado natal, aos amigos e alunos.

Se na terra somos apenas hóspede e viajantes, Fernando Mota foi "homo viator" de um tipo especial: sua inteligência deixou rastro luminoso e sua consciência, exemplo de dedicação — *Gláucio Veiga*.

#### JORGE AHUMADA

Aos 48 anos, faleceu no findar de 1965 o economista chileno Jorge Ahumada. O registro aqui feito, se bem que tardio, reflete, de qualquer maneira, o apreço em que o ilustre mestre era tido no Brasil.

Todos aqueles que passaram pelos primeiros cursos da CEPAL tiveram o prazer de ouvir a sua palavra. Integrante da CEPAL desde os primeiros momentos, em 1950, dedicou-se Ahumada, a partir de 1952 até 1961 aos cursos de capacitação e formação de economistas. Suas aulas, mimeografadas em castelhano ou traduzidas no vernáculo, correm nas mãos de economistas, professores e estudantes numa marco de indelevel perpetuidade do seu grande espírito.

Integrante do Comitê redacional de *El Trimestre Económico*, muitos dos seus trabalhos foram divulgados nessa importante publicação.

Ao falecer Ahumada estava trabalhando para o Fundo Monetário Internacional. Ninguém foi mais latinoamericano do que êle e ninguém mais modesto e trabalhador — *Gláucio Veiga*.

## CENTENÁRIO

### "DAS KAPITAL", CEM ANOS

As duas da madrugada de 16 de agosto de 1867, Marx acabara de rever a última prova de seu livro fundamental e escreveria a Engels: "O prólogo foi devolvido ontem corrigido. Portanto, êste tomo está pronto".

Daí em diante, a correspondência de Marx com os amigos e, principalmente, Engels, vai girar em torno do lançamento de "Das Kapital". E as reclamações contra o editor Meissner irão se acumulando. Em setembro, Marx informa a Engels sobre a devolução de todas as provas, devidamente corrigidas. Gostaria que o livro fosse lançado durante o Congresso de Lausanne. Não o foi, todavia.

Por fim, em outubro, "Das Kapital" encontra-se nas livrarias. Agora, na correspondência de Marx aparece sua ansiedade pela repercussão da obra. E Engels, fielmente, começa a enviar os primeiros registros.

Cem anos, portanto, passados. A partir daquele outubro de 1867, quando o livro espalhava-se mansamente pelas livrarias e a censura alemã se aprestava para as primeiras providências confiscatórias, ninguém poderia se aperceber, nem dimensionar, mesmo de maneira vaga, o impacto do livro sobre a cultura européia.

Como todo livro traumático, "Das Kapital", longe de ser obra de encontro, foi e continua a ser livro de *desencontros*. Sob sua égide constituiu-se um regime que elaborado pelo romantismo de Lenine, seria distorcido pelo ditadura stalinista.

Invocando textos idênticos, seus discípulos se desavieram em interpretações opostas. Cada um se julga, ainda, detentor da melhor fidelidade ao seu pensamento; cada um, até mesmo nas aparentes heterodoxias, julgam-se, no fundo, retílicos ortodoxos.

De Keynes, alguém disse que foi pequena xícara de café: se não alimentou, pelo menos excitou a todos. Marx, alimentou e excitou.

Como teria sido recebido nos últimos meses de 1867 pela crítica, "Das Kapital"? O primeiro registro, sem assinatura, surgiria em "Die Zukunft", em 30 de outubro. Prendia-se a considerações gerais sobre Marx e afirmava que na Alemanha não havia economistas capazes de refutar os argumentos de "Da Kapital". Posteriormente, descobriu-se que o artigo fora por Engels redigido.

A segunda nota bibliográfica aparece no "Elberfelder Zeitung", no dia 2 de novembro, anônima. Também foi escrita pelo amigo fiel.

Em 1.º de novembro, o terceiro registro, agora, de autoria de Kugelman: estampava-o o "Deutsche" Volkszeitung", em 10 de novembro. Ainda no expirante 1867, apareceram mais de seis registros, todos de autoria de Engels — a maior parte — de Kugelman, todos também anônimos. Apenas o artigo de Siebel no "Barmer Zeitung" surge assinado.

Em resumo, o forcejo do livro ia sendo praticado pelos amigos fiéis. Como empresa econômica, a edição não era sucesso. Após o primeiro ano da publicação, o livro não havia gerado qualquer parcela de lucro para seu autor.

Em 1870, o evento da Comuna de Paris irá aumentar as vendas e, em 28 de novembro de 1871, o editor poderia comunicar a Marx que restavam em estoque, apenas, 50 exemplares. E anunciava que Marx devia preparar a segunda edição do livro.

Enfim, em 1872, Marx faria suas contas com o editor: seu lucro pela edição inicial fora de 60 libras esterlinas, correspondendo, segundo um de seus biógrafos, praticamente, ao seu salário como correspondente do "New York Daily Tribune", dos Estados Unidos.

No Recife, ao que parece, a edição que chega é a terceira datada de 1885 e pertenceu a Tobias Barreto. Este invoca Marx duas vezes em toda sua obra: uma, aproximadamente, em 1879, nas notas à primeira edição de "Um discurso em Mangas de Camisa" e a outra, ao abrir suas preleções, na cátedra de Economia Política.

O período stalinista — a época da Grande Mentira — castrou o marxismo, tornando-o esquemático, dogmático, falso.

Lukács ao escrever "Geschichte umd Klassenbewusstsein" em 1923, teria de enfrentar as iras sectárias de Deborin, em condenação célebre, de 1926: acusaria Lukács de tentar interpretar Marx sem Engels. Ora, Marx sempre andou muito bem sem as muletas filosóficas de Engels. Estas, apenas, serviam para atrapalhar o autor de "Das Kapital", como a famosa teoria da dialética da natureza. Mas, por decreto do Comité Central do Partido Comunista, de 25 de janeiro de 1931, devidamente estampado no Pravda, Deborin seria paradoxalmente condenado por desvio hegeleano.

A condenação de Hegel — e como Marx teria se irritado, se deitasse olhos na ignorância palmar de Stalin em "Materialismo Dialético e Materialismo Histórico" — sempre foi soprada por Stalin, traindo não somente a orientação de Marx, como do próprio Lenine. Sabe-se do empenho de Lenine em estudar Hegel, a partir de um ponto de vista materialista. Mas, assumindo o poder, Stalin riscaria sumariamente Hegel, a ponto de o Partido Comunista Soviético se pronunciar oficialmente condenando o filósofo alemão, em 1944, decreto de condenação que vinha estampado nas edições stalinistas da Grande Enciclopédia Soviética.

Garaudy foi daqueles que se chocaram com a subestimação que se estava fazendo do pensamento hegeleano, em Marx.

Mas, passados cem anos, o marxismo e especialmente "Das Kapital" continua sendo a área de desencontros.

Na filosofia, Lefebvre, em 1965, lança sua "Metaphilosophie" "Editions du Minuit" e introduz, ao lado da praxis, as categorias poiesis e memesis marxistas.

Não seria aqui o espaço para analisar a obra de Lefebvre; porém, devemos registrar seu espírito "reformista" e a idéia fixa de transcendência, não-somente, quando persegue um metamarxismo, quando, também, em seu livro mais recente "Le langage e La Societé", Gallimard, 1966, anda preocupado com a formação uma metalinguagem (p. 12). Todavia, não seria este o único laivo do idealismo em que escorrega Lefebvre. Igualmente, vislumbra em Marx um processo de redução dialética...

Como também não há espaço para as considerações de Althusser sobre os métodos de "leitura" de "Das Kapital", nem muito menos para a classificação que ele se propôs a fazer das obras de Marx.

Certa feita, Keynes se interrogava como a "doctrine so illogical and dull can have exercised an influence over the minds of men, and through them over the events of History"?

Realmente, cabe uma pergunta: por que Marx não concluiu a publicação dos outros dois volumes de "Das Kapital"? Lançando o "Grande Livro", em 1867 e morrendo em 1883, Marx tivera 16 anos para editar os outros dois volumes. Pelo estado em que Engels encontrou esses volumes e pelas notas recolhidas posteriormente por Kautsky, esses últimos volumes estavam praticamente prontos. Ainda mais: pela correspondência Marx-Engels podemos nós rastrear a preparação dos dois volumes, restantes.

Já em agosto de 1867, um mês antes de aparecer nas livrarias a primeira edição de "Das Kapital", informava Marx a Engels: "A propósito do livro segundo (processo de circulação), que agora estou escrevendo..."

Numa carta a Danielson, em 10 de abril de 1879, sabemos que o segundo volume está pronto: "... segundo me informam da Alemanha, o segundo tomo de minha obra não poderá ser publicado, enquanto se mantenha o rigor do regime atual". Adiantava Marx que essa posição da censura não o preocupava, por diversos motivos. De início, Marx revela que não gostaria de publicar o segundo volume "antes da crise industrial ora em desenvolvimento não tenha alcançado seu ponto culminante". E adiantava que um dos fenômenos curiosos "da situa-

ção atual... e a crise bancária..." E este tema foi deslocado para o tomo III e a ele se reportou Engels, na carta a Danielson, ao escrever que o parágrafo dos bancos e créditos "apresenta consideráveis dificuldades". Em segundo lugar, dizia Marx que o material coletado nos EE.UU. e Rússia lhe proporcionava um pretexto para não divulgar o II Livro, sem revisão desse material. Por fim, o médico recomendava trabalhar menos.

Que em maio de 1868, estava francamente empolgado com o Livro II, não resta dúvida, pois, escrevia nesse mês e no ano a Engels: "gostaria de para os exemplos do tomo II, apoiar-me, no já exposto no tomo I".

As palavras de Engels no prefácio ao tomo III não discrepa: Marx não só havia preparado nos anos de 1863 e 1867, o projeto dos Livros II e III, como havia terminado o vol. I, para ser impresso...

No prólogo do Livro II, dirá Engels que o Livro III em sua "maior parte fôra escrito em 1864 e 1865".

De tudo isto, se deduz, mesmo levando-se em consideração a doença que este tivera tempo suficiente para concluir sua obra e remetê-lo ao editor. Mas, não o fez. Por que?

Foi Fritz Sternberg o primeiro a levantar a tese de que Marx conscientemente resolveu não publicar os dois volumes restantes.

As alterações estruturais não estavam permitindo que ele sustentasse as teses fundamentais do Livro I. E é significativo que Marx, como vimos, parasse o Livro II, para assistir ao desenrolar de uma crise, especialmente a crise bancária.

De fato, a contradição e a oposição de alguns textos dos livros II e III levam a essa conclusão. No nosso livro, "Revolução Keynesiana e Marxismo" analisamos bem estes problemas, por demais conhecidos, principalmente na teoria das crises e que motivaram fundas divergências entre discípulos.

A não divulgação intencional dos Livros II e III é tese com robustos indícios de verdadeira.

Seja como fôr, o livro aí está, centenário, discutido, debatido, ponto de referência obrigatório.

Em todo esse período, o marxismo e especialmente "Das Kapital" sofreram três grandes crises. A primeira, foi a luta do revisionismo. A segunda crise estalou, quando os bolchevistas, (bolcheviques) assumiram o poder: o regime bolchevique seria uma ditadura do proletariado ou uma ditadura sobre o proletariado? Lenine defendeu a primeira tese, enquanto Kautsky achava que o regime estava se tornando uma ditadura sobre o proletariado, porque o poder se encontrava nas mãos de uma minoria.

A terceira crise seria provocada pela desestalinização. Revela-se ao mundo a "Grande Mentira", um regime feroz, policial, onde os intelectuais eram servos.

Por fim, a quarta e última crise, o choque entre chineses e soviéticos e as contradições entre os próprios chineses.

Passado um século, "Da Kapital" se apresenta como a cabeça de Glauco, o deus talássico: totalmente desfigurada pelo acúmulo de ostras e pela erosão das águas. — Gláucio Veiga.

# ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

---

E

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

(Anteriormente publicada sob o nome:  
Estudos Universitários. Revista de Cultura  
da Universidade | do | Recife)

Editada, trimestralmente, pelo Departamento de Extensão  
Cultural da Universidade Federal de Pernambuco.  
Impressa nas Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária

Capa de Wilton de Souza

Número avulso: NCr\$ 1,50; atrasado: NCr\$ 2,00

Assinatura anual (quatro números): NCr\$ 4,00

Estrangeiro: número avulso: US\$ 1.00;

atrasado US\$ 2.00

assinatura anual US\$ 6.00

---

ENDERÊÇO: Rua Gervásio Pires, 674 — Fone 22-486

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL